

Sintagmas afetivos, paradigmas racializados: Analisando raça e afeto através da ficção irlandesa contemporânea

Victor Augusto da Cruz Pacheco (USP)¹

Com a alteração do fluxo migracional na República da Irlanda durante o período de prosperidade econômica conhecido como Tigre Celta, a presença de corpos não-brancos se tornou foco central de discussões sobre revisionismo do passado recente do país, práticas culturais e constituição de identidade nacional, refletindo diretamente em leis de imigração implantadas ao longo do final da década de 1990 e nos anos 2000. Dentro do campo literário, a mudança do paradigma social irlandês levou um tempo para se consolidar enquanto objeto de representação. Luz Mar González-Arias destaca que, quando houve a inclusão de temas contemporâneos na ficção irlandesa, os escritores se tornaram historiadores alternativos porque deram “corpo e voz ao que [...] poderia ser deixado de fora das versões oficiais da Irlanda contemporânea”² e se recusaram a “elogiar a boa saúde da economia irlandesa” (2017, p. 4 – tradução minha). Tendo como eixo o multiculturalismo e o interculturalismo, as perspectivas teóricas se concentram na relação entre a identidade irlandesa e a alteridade, sem um questionamento apurado sobre a representação de personagens negros. Molly Ferguson (2020) argumenta que os escritores irlandeses “muitas vezes repetem involuntariamente sistemas de dominação, como a supremacia branca, mas os romances progressistas mais recentes são conscientes em reconhecer e chamar a atenção para o racismo em um país que se orgulha do status de *outsider*”³ (FERGUSON, 2020, p. 402 – tradução minha). Por um lado, os autores falharam em representar as perspectivas dos imigrantes ao escrever narrativas unidimensionais e validar a perspectiva irlandesa branca (TUCKER, 2013, p. 2013), por outro lado, os críticos literários em Estudos Irlandeses consideraram a imigração como uma experiência homogênea e não analisaram o suficiente os discursos sobre negritude.

¹ Doutorando pela Área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade São Paulo (USP). Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Processo FAPESP Nº 2020/03891-7. Este trabalho também foi financiado pela Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Processo FAPESP Nº 2021/11639-9.

² “giving body and voice to what might otherwise be left out of the official versions of contemporary Ireland” (GONZÁLEZ-ARIAS, 2017, p. 4).

³ “often unintentionally replicates systems of domination such as white supremacy, but more recent progressive novels are conscious about recognizing and calling attention to racism in a country that prides itself on outsider status” (FERGUSON, 2020, p. 402).

Se, como argumenta Lauren Berlant (2011, p. 4 – tradução minha), “o presente é percebido afetivamente”⁴, uma análise atenta aos discursos e representações da negritude na literatura irlandesa apontará que as estruturas de sentimentos se configuram a partir de afetos negativos. A atenção de Berlant às “respostas afetivas mediadas esteticamente”⁵ (Idem, p. 3 – tradução minha), como a literatura, me motiva a investigar a ficção irlandesa produzida durante e sobre o Tigre Celta, considerando a representação o meio pelo qual as cadeias de significação aumentam seus significados, estabelecendo uma gramática prescritiva da negritude ao enquadrar as possibilidades de existência dos sujeitos negros no contexto irlandês. Segundo Sara Ahmed (2004), “O afeto não reside em um objeto ou signo, mas é um efeito da circulação entre objetos e signos. Os signos aumentam em valor afetivo como efeito do movimento entre os signos: quanto mais os signos circulam, mais afetivos eles se tornam”⁶ (AHMED, 2004, p. 45 – tradução minha). Pensando ainda sobre a circulação e organização dos afetos, desde um eixo linguístico e gramatical, retomo à Roman Jakobson que considera que “a função poética [da linguagem] projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação” (JAKOBSON, 1974, p. 130), ou seja, projeta o eixo paradigmático no eixo sintagmático (BARTHES, 2012, p. 45). Nesse sentido, enquanto o eixo sintagmático promove uma experiência afetiva no que tange a representação social da negritude dentro do contexto irlandês, o eixo paradigmático mostra os processos de sedimentação dos regimes raciais de representação que enquadram o personagem negro em concepções fixas, sejam elas estereotipadas ou até mesmo racistas. Argumento o uso do afeto mascara relações racializadas, promovendo uma falsificação da organização textual e social. Dessa forma, considero que os textos literários são locais privilegiados onde o afeto circula e aumenta seu valor afetivo por meio da forma literária, do enredo, do estilo e do gênero. As três obras que analisarei, os contos “Guess Who’s Coming for the Dinner”, de Roddy Doyle (2007) e “The Welcome” de Emma Donoghue (2007) e o romance *Flight*, de Oona Frawley (2014), encapsulam os efeitos dos afetos negativos sobre a negritude.

Como mencionado anteriormente, o objeto de análise deste trabalho são os personagens Ben, um imigrante nigeriano do conto “Guess Who’s Coming for the Dinner”; JJ, uma mulher negra e trans em “The Welcome”; e Sandrine, uma imigrante de Zimbawe do romance *Flight*. Ainda que haja uma diversidade temática e de construção entre os personagens, as obras

⁴ “the present is perceived affectively” (BERLANT, 2011, p. 4).

⁵ “aesthetically mediated affective responses” (Idem, p. 4).

⁶ “Affect does not reside in an object or sign, but is an effect of the circulation between objects and signs. Signs increase in affective value as an effect of the movement between signs: the more signs circulate, the more affective they become” (AHMED, 2004, p. 45)

apresentam algumas similaridades. O primeiro ponto a ser observado é o caráter migracional dos personagens que reafirmam a impossibilidade de uma Irlanda racialmente diversa, fazendo com que a negritude seja um fenômeno “novo” no país. A perspectiva das narrativas no personagem/sujeito branco coloca o personagem negro como objeto de narração, seguindo um processo de racialização no qual o outro é racializado, e o sujeito da narração/narrador, geralmente um personagem branco, é racialmente neutro. Observo que a representação racial e a relação entre branquitude e negritude passa por um processo de ansiedade racial, ou seja, a autoconsciência narrativa sobre raça e racismo em que o narrador (ou o até mesmo autor) entende perfeitamente a natureza do racismo e cria a narrativa de tal forma que é impossível determinar se o texto é racista ou não, pois ele pode ser lido como uma forma de crítica ou uma representação irônica da sociedade irlandesa. Como os autores que analisarei são brancos, argumento que a ansiedade racial, ou a preocupação dos autores de serem vistos como racistas, e não como aliados antirracistas, é um dispositivo narratológico usado para representar personagens negros.

A ansiedade é o foco principal de “Guess Who’s Coming for the Dinner”, de Roddy Doyle. A narrativa acompanha o processo fóbico de Larry Linnane quando ele confunde a amizade de uma de suas filhas com um refugiado nigeriano, Ben, como um relacionamento romântico. O conto de Doyle ressoa os capítulos “A experiência vivida do negro” e “O negro e a psicopatologia” de *Pele negra, máscaras brancas* (2020), em que Frantz Fanon investiga a sobredeterminação da negritude, que produz aquilo o que ele chama de negrofobia. O conto segue a perspectiva fanoniana de reduzir o corpo negro à sexualidade, utilizando de forma compensatória estratégias afetivas para transformar Ben em um personagem inteligível. O tom irônico e bem-humorado do texto pode ser visto como uma forma de ridicularizar a perspectiva de Larry e apontar o absurdo do raciocínio racista e como ele está profundamente enraizado nas ansiedades sexuais.

—I have three sisters. Two.

Ben looked very young now; he looked down at the table.

—Three, he said. —I have three sisters.

—What happened? said Mona.

Ben said nothing at first. Stephanie shrugged slightly; she didn’t know what was happening.

—My sister, said Ben —My sister. Disappeared.

Suddenly, Larry felt very cold. [...]

—It happened, said Ben, —it happened after I left Nigeria.

He stopped.

They waited.

—I left soon after my brother was arrested⁷ (DOYLE, 2004, p. 19-20).

Somente depois que Ben conta à família que a irmã desapareceu e que o irmão foi preso, Larry muda sua perspectiva sobre Ben e o aceita sem hesitação, considerando-o até mesmo um bom partido para a filha. Me interessa aqui a precariedade do afeto posto que a narração de experiências traumáticas e a empatia que ela gera não é uma oportunidade de autorreflexão, mas uma forma essencial de sobredeterminação em termos fanonianos. Essa virada afetiva confirma a visão de Larry sobre a África, como um lugar inóspito e violento, contribuindo para a “construção de uma narrativa cultural específica – da bondade, humanidade e antirracismo europeu”⁸ (DANEWID, 2017, p. 1681 – tradução minha). Não estou convencido de que o uso de tropos racistas e a sobredeterminação da África sejam produtivos para representar personagens negros, pois reproduz a negritude por meio de um vocabulário de sofrimento que precisa de um sujeito branco para conceder “empatia, generosidade e hospitalidade”.

Narrando a experiência de Sandrine com a imigração para a Irlanda, *Flight* conecta a história de quatro personagens meses antes do Referendo de Cidadania de 2004, que alterou a concessão de cidadania por nascimento para cidadania por sangue. Fugindo de um Zimbábue instável, a personagem decide imigrar para a Irlanda para ajudar sua família financeiramente. Mas antes de chegar ao país, Sandrine é alertada de que seu destino final não é um bom lugar para negros viverem, não só por causa do racismo cotidiano, mas principalmente porque o governo irlandês estava propondo uma nova política de imigração. Deixando o marido e o filho sua terra natal, Sandrine vai para a Irlanda com um visto de estudante em busca de um novo começo, representado também pelo fato de que ela está esperando outro filho.

Poucos dias depois de sua chegada, Sandrine começa a trabalhar como cuidadora domiciliar de Tom e Clare Hughes, um casal de aposentados que sofre de demência. O fato de ela ser negra não é um problema para eles, pois Tom montou uma empresa de exportação e importação de especiarias, o que fez com que o casal vivesse nos Estados Unidos e no Vietnã. Para Clare, morar no exterior foi uma experiência libertadora porque ela pôde existir além das limitações da sociedade irlandesa. A experiência transnacional, entretanto, deixa uma marca em Elizabeth, filha de Tom e Clare, que sofre com o sentimento de não pertencimento nacional.

⁷ “—Tenho três irmãs. Duas. / Ben parecia muito jovem agora; ele olhou para a mesa. / —Três, disse ele. —Eu tenho três irmãs. / —O que aconteceu? disse Mona. / Ben não disse nada a princípio. Stephanie encolheu os ombros levemente; ela não sabia o que estava acontecendo. / —Minha irmã, disse Ben, minha irmã. Desapareceu. / De repente, Larry sentiu muito frio. [...] —Aconteceu, disse Ben, —aconteceu depois que eu saí da Nigéria. / Ele parou. / Eles esperaram. / —Fui embora logo depois que meu irmão foi preso” (DOYLE, 2004, p. 19 – tradução minha).

⁸ “construction of a particular cultural narrative – of European goodness, humanity, and antiracism” (1681).

Tendo passado a infância nos Estados Unidos e a adolescência em um hotel no Vietnã, Elizabeth questiona sua posição no mundo com base em suas afiliações nacionais.

Como o romance cruza a história desses quatro personagens, o foco na família Hughes ocupa uma parte substancial do enredo:

She thinks differently here. Here she has no story. She feels the pressure of other stories hemming in on her own, so much so that she is absentminded, thinking constantly of gaps. When she arrived in Ireland, Sandrine had thought that some story of hers was beginning; she could even hear herself at some imagined time telling the tale of how she had gone to Ireland. But in the reality of Ireland, the reality of a foreign land, that was not possible, not immediately. The story was not yet hers⁹ (FRAWLEY, 2014, pp. 117-118).

A narrativa é consciente da falta de desenvolvimento de Sandrine como personagem que não pode “simplesmente existir” em um romance construído com quatro personagens, além da representação de um momento histórico na Irlanda. Como o texto está carregado com os discursos da mídia e do governo irlandês sobre imigrantes, é impossível desarticular a ansiedade de Sandrine com a ansiedade geral dos irlandeses. Elisa Joy White argumenta que termos jurídicos são uma forma de racialização, sendo “uma maneira de representar um grupo sem ver o indivíduo, que é o que alimenta o racismo e a xenofobia em primeiro lugar”¹⁰ (WHITE, 2005, p. 105 – tradução minha). Eu me questiono se, na economia geral do romance, o uso de termos “imigrante”, “requerente de asilo” (“*asylum seeker*”) e “refugiado” também não estaria contribuindo para a falta de individualidade da personagem, em vez de chamar a atenção para o fato de ser um discurso racializado. O problema com a ficcionalização dos discursos sobre imigrantes é que ele enquadra os personagens em um modelo específico de narrativa que, na maioria dos casos, não desafia o *status quo*. Depois de algumas páginas do romance, o leitor já sabe que Sandrine não terá permissão para ficar na Irlanda, e isso acontece porque a narrativa está tão apegada à representação do período que não imagina um destino diferente para a personagem. Não estou argumentando, entretanto, que Sandrine deveria ter um final feliz, embora isso fosse um salto de criatividade e um destino agradável para ela, mas é visível que o

⁹ Ela pensa diferente aqui. Aqui ela não tem uma história. Ela sente a pressão de outras histórias cercando a sua própria, tanto que fica distraída, pensando constantemente em lacunas. Quando chegou à Irlanda, Sandrine pensou que alguma história sua estava começando; ela podia até se ouvir em algum momento imaginário contando a história de como tinha ido para a Irlanda. Mas na realidade da Irlanda, a realidade de uma terra estrangeira, isso não era possível, não imediatamente. A história ainda não era dela (FRAWLEY, 2014, pp. 117-118 – tradução minha).

¹⁰ “It is a way of representing a group without seeing the individual, which is what nourishes racism and xenophobia in the first place” (WHITE, 2005, p. 105).

romance sacrifica o desenvolvimento do personagem para fins realistas dentro dos paradigmas da representação da sociedade irlandesa.

Por fim, ambientado numa república só para mulheres, o conto “The Welcome” narra o despertar sexual de Lucy pela colega, JJ, uma mulher negra que prefere não dizer muito sobre si mesma. Ainda que ao longo da narrativa as duas personagens se dão bem, o possível romance é interditado quando uma das moradoras da república, incomodada com o jeito de JJ, decide despi-la na frente de outras pessoas, fazendo com que a personagem reaja dando um soco. Esse momento de violência é o motivo da expulsão de JJ e também o momento de revelação onde ela relata sua transgeneridade a Lucy. Seguindo o conceito da dualidade narrativa do conto proposto por Ricardo Piglia, “The Welcome” narra como história 1 uma história de amor que não deu certo e, como história 2, a revelação de que JJ é uma mulher trans. Entretanto, considero que a história 2, na verdade, narra a abjeção de JJ. Em *Corpos que importam*, Judith Butler (2019) usa o termo abjeção para “[designar] aqui precisamente aquelas zonas ‘não-vivíveis’ e ‘inabitáveis’ da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o status de sujeito, mas cujo viver sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para circunscrever o domínio do sujeito” (BUTLER, 2019 p. 18). Butler considera a abjeção nos parâmetros normativos sexuais e de gênero e sua definição pode ser aplicada à análise da negritude. De acordo com suas observações, a negritude é necessária para circunscrever o domínio do sujeito branco, e aqueles racializados como negros não desfrutam do mesmo status. Como argumenta Darieck Scott (2010, pp. 5, 258 – tradução minha), “a negritude é constituída por uma história de abjeção e é, em si mesma, uma forma de abjeção”, a negritude “[...] é uma construção, não uma essência, que serve para reforçar a identidade e a superioridade branca”¹¹.

Embora a ironia da narrativa e sua principal crítica revelem que a república feminista queer é incapaz de aceitar totalmente a alteridade racial, não há um engajamento real com a representação negra. Além disso, a representação de uma personagem trans negra reifica o queer e o feminismo dentro dos parâmetros normativos da branquitude, fazendo com que a negritude perturbe a transgeneridade e a sexualidade, ambos termos de um sujeito queer branco. Por um lado, a narrativa trabalha com um senso refinado de autoconsciência ao reconhecer a branquitude como um problema, mas, por outro lado, carece de uma perspectiva crítica e de engajamento com os regimes raciais de representação da negritude. O problema é que, do ponto de vista da branquitude e dos parâmetros hetero/homonormativos, o aspecto *queer* da negritude ou a negritude como algo *queer* só é possível por meio da abjeção.

¹¹ “blackness is constituted by a history of abjection, and is itself a form of abjection,” it “... is a construction, not an essence, which serves to shore up white identity and superiority” (SCOTT, 2010, pp. 5, 258).

Para concluir, recorro a bell hooks (2019), que nos incentiva a abandonar o paradigma binário de classificar uma representação como boa ou ruim e considerar seu componente revolucionário. A inserção de personagens negros na ficção irlandesa contemporânea denota uma preocupação social e um desejo de demonstrar engajamento político. Entretanto, uma leitura cuidadosa dos signos utilizados nas narrativas demonstra o enraizamento de um imaginário social guiado por uma hegemonia racial constituída pela branquitude. A negritude é configurada como o Outro racial, apontando para uma gramática prescritiva a partir do vocabulário dos discursos oficiais sobre imigração, utilizando o afeto como um mascaramento. A ironia do conto de Roddy Doyle ridiculariza a ansiedade de Larry, mas não desconstrói sua perspectiva sobre a negritude porque a narrativa quer reafirmar a autoimagem da Irlanda como um país cordial e receptivo por meio da modernidade europeia alinhada à branquitude. Ao optar pelo sentimentalismo, *Flight* pode ser proveitoso para despertar empatia no leitor, mas mantém inalterados os discursos sobre a negritude. E mesmo a leitura do romance pelas lentes do engajamento empático é duvidosa, considerando que não há reparação para a situação de Sandrine. Embora “The Welcome” critique a atmosfera pouco acolhedora de uma comunidade de moradia queer feminista, há uma falta de envolvimento com os regimes raciais de representação, colocando a negritude como um ser abjeto, sendo a abjeção uma gramática descritiva/prescritiva do corpo negro. A cena de violência inscreve JJ como um personagem abjeto, que perturba a identidade, o sistema e a ordem de um espaço marcado pela branquitude.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- BERLANT, Lauren. **Cruel Optimism**. Durham: Duke University Press, 2011.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.
- DANEWID, Ida. “White Innocence in the Black Mediterranean: hospitality and the erasure of history.” In: **Third World Quarterly**, 2017 VOL. 38, NO. 7, 1674–1689 <https://doi.org/10.1080/01436597.2017.1331123>

DONOGHUE, Emma. **Touchy Subjects**. London: Virago, 2006.

DOYLE, Roddy. **The Deportees**. London: Vintage, 2008.

FANON, Frantz. **Black Skin, White Masks**. Trans. Charles Lam Markmann. Pluto Press, 2008.

FERGUSON, Molly. "Changing Approaches to Migration Memory in Irish Fiction: Beyond the Transactional Migration Model". In: **MFS Modern Fiction Studies**, Volume 66, Number 2, Summer 2020, pp. 396-415.

FRAWLEY, Oona. **Flight**. Dublin: Tramp Press, 2014.

GONZÁLEZ-ARIAS, L. M. "The Imperfect as a Site of Contestation in Contemporary Ireland". In: GONZÁLEZ-ARIAS, L. M. (ed). **National Identities and Imperfections in Contemporary Irish Literature. Unbecoming Irishness**. London: Palgrave Macmillan, 2017, pp. 1-17.

HALL, Stuart et al. **Representation**. London: SAGE Publications, 2013.

HOOKS, bell. **Olhares negros. Raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JAKOBSON, Roman, "Linguística e poética". In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1974, pp. 118-162.

PALMER, Tyrone S. "Otherwise than Blackness: Feeling, World, Sublimation". In: **Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences**, Volume 29, Number 2, December 2020, pp. 247-283 doi 10.1215/10418385-8742983

PIGLIA, Ricardo. "Teses e novas teses sobre o conto". In: **Formas Breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 87-114.

SCOTT, Darieck. **Extravagant Abjection. Blackness, Power, and Sexuality in the African American Literary Imagination**. New York: New York University Press, 2010.

TUCKER, Amanda. "Strangers in a strange land?: the new Irish multicultural fiction". In: VILLAR-ARGÁIZ, Pilar (ed). **Literary visions of multicultural Ireland: The immigrant in contemporary Irish literature**. New York, Palgrave, 2013, posição 1526-1831.

WHITE, Elisa Joy. "The new Irish storytelling: Media, representation and racialised identities". In: LENTIN, Ronit; McVeigh, Robbie (Eds). **Racism and Anti-racism in Ireland**. Belfast: Beyond the Pale, 2002, pp. 102-115.